

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**O PAPEL DA EDUCAÇÃO
NO ENFRENTAMENTO
DA CRISE CLIMÁTICA**

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

Eixo Temático: Educação e Formação de Professores

AUTORIDADE, INFÂNCIA E MÍDIAS DIGITAIS: Uma Visão a partir da Gestão Escolar

AUTHORITY, CHILDHOOD, AND DIGITAL MEDIA: A View from School Management

Érika Gianluppi Villani¹

Maria Regina Johann²

RESUMO

Este estudo é um recorte da pesquisa intitulada “A dupla função do educar: Proteger as crianças do mundo e o mundo das crianças” que se dedica a estudar a relação de autoridade dos adultos com as crianças levando em consideração o conceito de autoridade proposto por Hannah Arendt (2002) e a visão de Freud (2010/2030), sobre as relações intergeracionais. Com o intuito de compreender como a autoridade dos adultos em relação às crianças se apresenta no âmbito escolar, foram entrevistadas duas gestoras, uma de escola pública e outra de escola particular. A partir da análise do relato das gestoras, os resultados indicaram que há semelhanças e particularidades entre as duas realidades mencionadas e que o estabelecimento do exercício da autoridade pelos adultos com as crianças é um desafio contemporâneo que sofre influência das mídias digitais e demanda a interlocução entre os sujeitos envolvidos.

Palavras-chave: Autoridade. Infância. Gestão escolar.

ABSTRACT

This study is a segment of the research entitled “The Double Function of Education: Protecting Children from the World and the World from Children,” which is dedicated to studying the relationship of adult authority with children, taking into account the concept of authority proposed by Hannah Arendt (2002) and Freud’s view (2010/2030) on intergenerational relationships. With the aim of understanding how adult authority in relation to children is manifested in the school context, two school administrators were interviewed,

¹ Bolsista do programa de fomento: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - PIBIC/CNPq; estudante do curso de Psicologia; Voluntária do Projeto Prematuros: Prevenção, Apoio e Cuidado. e-mail: erika.villani@sou.unijui.edu.br

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (PPGEC) e dos Cursos de Licenciatura da UNIJUI. Orientadora do projeto A dupla função de educar: proteger as crianças do mundo e o mundo das crianças. e-mail: maria.johann@unijui.edu.br.

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

one from a public school and the other from a private school. Based on the analysis of the administrators' accounts, the results indicated that there are similarities and particularities between the two mentioned realities and that the establishment of the exercise of authority by adults with children is a contemporary challenge influenced by digital media and requiring dialogue among the involved parties.

Key words: Authority. Childhood. School management.

INTRODUÇÃO

A autoridade é um conceito que mesmo que não mencionado diretamente, é relevante na teoria freudiana sobre a estruturação psíquica. Por volta dos três e cinco anos, durante a fase de desenvolvimento psico-sexual a criança passa pelo Complexo de Édipo, processo fundamental para a estruturação psíquica. Nesse prisma, a mãe passa a ocupar o lugar de objeto de desejo para o filho, enquanto o pai é visto como um rival que limita seu acesso a ela. Dessa forma, o menino tenta conquistar o lugar do pai para ter a mãe, reproduzindo seu modelo de comportamento por meio do processo de identificação. Porém, em meio a isso, o pai é convocado a não ceder o seu lugar e impede que a fantasia do filho se torne real. Na psicanálise, esse movimento do pai é chamado de castração e funciona como uma representação da lei na qual a criança internaliza as regras e normas sociais associadas à autoridade paterna (Bock, 2018).

Ademais, tendo em vista a função estruturante da autoridade paterna, responsável pela mediação da lei e pela internalização de limites e normas, na contemporaneidade a presença constante de tecnologias digitais e o uso de telas passam a incidir no desenvolvimento infantil. Desmurget (2022), assegurado por resultados de diversos estudos, argumenta que o uso de telas provoca uma série de problemas para os jovens e crianças. Isso porque, as telas recreativas causam prejuízos cognitivos, motores e de socialização, uma vez que, o tempo desperdiçado de forma passiva diante das telas poderia ser utilizado em atividades que propiciam o desenvolvimento da criança. Além disso, os conteúdos expostos nas telas fazem referência mesmo que de forma implícita a consumo, alcoolismo, tabagismo e publicidade.

Este estudo faz parte da pesquisa intitulada “*A dupla função de educar: Proteger as crianças do mundo e o mundo das crianças*” e tem como objetivo investigar a relação de

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

autoridade dos adultos em relação às crianças a partir do ponto de vista de gestoras de escola infantil. Leva-se em conta o conceito de autoridade proposto por Hannah Arendt (2002) que considera uma forma bem específica de autoridade que fora válida por um longo período de tempo mas que entrou em crise no século XX. Para a autora, é dever dos adultos transmitir para as novas gerações o que já se sabe sobre o mundo e, para isso, a autoridade se faz indispensável.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo, quanto a sua natureza, caracteriza-se de abordagem qualitativa. Como instrumento utilizou-se uma entrevista semiestruturada com dezessete perguntas elaboradas pelas pesquisadoras. As entrevistas foram conduzidas individualmente com as gestoras, em formato de conversa, foram gravadas e posteriormente transcritas para serem analisadas à luz da hermenêutica filosófica. Para este escrito, elegemos apenas quatro questões sendo elas: 1) O que você entende como ou por autoridade? 2) Os adultos, no teu ponto de vista, se colocam como autoridade? 3) Você acha que as mídias digitais influenciam na relação de autoridade dos adultos com as crianças? 4) Os adultos recorrem a algum recurso para manifestar autoridade diante das crianças?

A pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (UNIJUI), com parecer número 53035721.9.0000.5350. Além disso, para proteger a identidade das participantes, os nomes foram ocultados e indicados como Gestora 1 (G1) e Gestora 2 (G2).

RESULTADO E DISCUSSÕES

Ambas as entrevistadas atuam no município de Ijuí sendo a professora Gestora 1 (G1) em uma escola pública que contempla a educação infantil e o ensino fundamental e a professora Gestora 2 (G2) em uma escola privada de educação infantil. Elas aceitaram de bom grado colaborar com a pesquisa e concordaram que as entrevistas fossem conduzidas em formato de diálogo com roteiro semiestruturado e gravadas para posterior transcrição.



G1 é licenciada em Pedagogia e pós-graduada em Gestão Escolar. Possui graduação em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (Unijuí) e atua na rede municipal de educação desde 2001. Quando indagada sobre o seu entendimento do que é autoridade, afirma:

[...] A autoridade é você se colocar numa posição de respeito e de você interagir e conseguir que as partes interajam e trabalhem juntas sem precisar impor, é uma autoridade sem imposição, é uma posição de respeito [...] (G1)

G2 tem 34 anos, é especialista em alfabetização e formada em Pedagogia pela Unijuí desde 2018. Atua na área da educação desde 2016 iniciando como auxiliar pedagógica e atualmente é responsável pela direção e coordenação pedagógica. Quando indagada sobre o seu entendimento do que é autoridade, afirma:

Acho que é uma posição, assim, onde você tem muita responsabilidade, né, e precisa delegar algumas funções e responder por elas também, né? Orientar, no meu caso, um grupo, vai ter autoridade sobre ele, tomar decisões, dar ordens, digamos assim, fazer alguns encaminhamentos e responder por isso também, é responsável por isso também (G2)

Em resposta sobre: “Os adultos, no teu ponto de vista, se colocam como autoridade?” G1 e G2 respondem:

Aqui o professor, o que ele mais tenta é se colocar numa posição de autoridade, de ter o comando do que ele está ensinando. Mas o que acontece é que é diferente com as famílias, e aí digo pela dificuldade de ter essa autoridade, é porque nas famílias há essa inversão de papéis. A criança dita o que ela quer, e quando ela quer e como ela quer [...] (G1).

Eu acho que depende da situação, né? Que alguns sim, né? Tem isso mais esclarecido e sabem se colocar com autoridade respeitosa, mas tem outros que acabam abusando disso, partindo mais por autoritarismo, de uma maneira que não é tão educada, talvez (G2).

Sobre a influência das mídias digitais na relação entre os adultos e as crianças as gestoras G1 e G2 apontam:

[...] Eu não vejo uma mídia que queira construir a família, que queira colocar ou que ensine valores que você deve cultivar. Eu só vejo capitalismo ou outras coisas que chamem atenção, porque hoje o que chama atenção é a dor, é a tragédia, então é isso que as mídias tentam colocar (G1)

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

Sim, eu acho que tem muita publicidade assim, que às vezes acaba distorcendo essa ideia ainda para criança, né? No sentido, se a gente for pensar assim, de que às vezes tem coisas que se apresentam ali que as crianças não podem ainda ter, né? Que seja um brinquedo, mas que de alguma forma essa influência é tanta que acaba, né, prejudicando essa questão se não for bem administrada pelo adulto, né? (G2)

Ao serem questionadas se, como gestoras de escola percebem, que os adultos utilizam algum recurso em prol de manifestar autoridade diante das crianças, G1 e G2 afirmam:

Sim, como eu digo aqui, nós sempre temos os combinados e a gente sempre reforça esses combinados. O que foi que nós falamos? Deixar que a criança seja o protagonista e que ele nos responda. O que nós combinamos? Você acha que isso está certo? Você acha que isso é legal? Você gostaria que eu te dissesse não? Não vou... Uma sugestão, uma criança diz eu quero comer e eu vou te dizer não, eu não vou fazer a tua comida. Você acha legal que quando você me pedisse pra ir na pracinha brincar, eu te dissesse? Não. Então a gente faz perguntas pra que ele responda (G1).

Sim, sim, diariamente, né? Embora a nossa relação com as famílias seja muito tranquila, assim, né? E a gente consiga estabelecer essa questão do diálogo também muito, de uma maneira muito tranquila e aberta. Mas tem situações assim, que acontece, né? Ai não, tem que ir para casa, mas querem passar na pracinha. E aí, não, vamos que a gente vai no mercado, vou comprar tal coisa e depois a gente, né? Sim, acontece bastante assim. Essas situações (G2).

A análise conjunta dos resultados permitiu investigar a posição de autoridade dos adultos em relação às crianças a partir do ponto de vista de gestoras de escola infantil. Nesse viés, identificou-se semelhanças e particularidades entre o discurso das gestoras.

No que concerne ao conceito de autoridade, ambas as gestoras referem-se como uma posição que envolve respeito mútuo e responsabilidade, mas que exige uma postura coerente e firme diante dos sujeitos e dos contextos. Arendt (2002) pondera que a autoridade exige obediência mas que não se dá a partir de coerção ou persuasão. Ou seja, ela se manifesta de forma hierarquizada, ou seja, é uma posição conquistada sem a necessidade de forçar ou convencer, pois o conhecimento especializado dos anciões infunde confiança, o que envolve também respeito e responsabilidade.

Ao que diz respeito à função de autoridade exercida pelos adultos, as gestoras enfatizam que existe um esforço maior por parte da escola em prol da autoridade dos adultos em relação às crianças, visto que, muitas famílias encontram dificuldade de sustentar esse lugar diante dos filhos. Ruschel e Cossetin (2025) indicam que o desafio contemporâneo na



educação é justamente o “equilíbrio entre o excesso de controle e a interdição e o abandono” (p. 14). Isso porque, diante das novas regras e exigências do mundo moderno, pais e mães precisam delimitar as fronteiras entre o excesso de controle e o abandono. Arendt (2002) alerta que tanto um quanto outro é prejudicial às novas gerações pois os recém chegados ao mundo carecem de alguém que se ocupe em transmitir o que a civilização conquistou até o momento.

Nesse contexto, as reflexões de Arendt (2002) ajudam a compreender como essas tensões no exercício da parentalidade também se manifestam nas diferentes formas de relação entre família e escola. Através do relato das gestoras, nota-se que na escola privada há uma relação mais próxima entre família e escola, facilitada pelo diálogo e participação recorrente dos pais. Já na escola pública, de acordo com o relato da gestora, por vezes, os pais acabam delegando à escola funções que seriam de ordem familiar, como, por exemplo, definir limites. Freud (2010/1930) afirma que a civilização se sustenta na renúncia pulsional e na troca de uma parcela de felicidade por segurança e convivência coletiva. As figuras parentais — figuras de referência — têm papel crucial na internalização das proibições, pois é pelo medo de perder o amor dos pais que a criança renuncia aos impulsos instintivos e internaliza a cultura.

No que se refere às mídias digitais, ambas as entrevistadas apontaram influência negativa das telas no comportamento das crianças. A crítica foi empregada principalmente no caráter publicitário e incentivador ao consumo que as mídias exercem. A queixa das gestoras vai ao encontro com o que outros autores já apontaram alertando sobre o efeito nocivo do uso das telas na infância. Desmurget (2022), por exemplo, alerta sobre os efeitos crônicos do uso de telas e sugere, — o que já é recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS), que até 5 anos de idade o tempo de tela deve ser de no máximo uma hora, mas quanto menos melhor. A partir dos 6 anos, mais de uma hora de exposição diária já tem efeitos nocivos.

Nesta direção, a psicanalista Julieta Jerusalinsky (2021) adverte para a confusão que a criança pode construir entre o real e o virtual e alerta para a relevância educativa dos encontros e convívios intergeracionais. De acordo com a autora, os recém-nascidos quando chegam ao mundo necessitam da presença de um Outro encarnado, que se encarregue dos cuidados básicos da criança como higiene e alimentação e, assim, pouco a pouco, fazendo com que aquele pedaço de carne torne-se um sujeito desejante. Esse Outro torna-se para a



criança uma figura de referência, que apresenta o mundo a ela e transmite os conhecimentos já adquiridos, é portanto, também, uma figura de autoridade (Jerusalinsky, 2021). É nesse sentido, que a autoridade vai se fazendo de maneira conquistada e não necessariamente, imposta.

Quanto aos recursos que as famílias utilizam na tentativa de facilitar o exercício da autoridade, as gestoras mencionaram atitudes que envolviam argumentação e barganha entre os adultos e as crianças. Levando em conta o que postula Arendt (2002), entende-se que condutas como estas vão ao encontro do que seria a essência da autoridade. A autora argumenta que a autoridade é incompatível com a persuasão e onde existir argumentação a autoridade é colocada em suspenso. Isso porque, ela é conquistada pela diferença de saber que existe entre os mais velhos e os mais novos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessarte, levando em consideração o conceito de Autoridade proposto por Hannah Arendt (2002) e o que foi observado no relato das gestoras evidencia-se que a autoridade é um desafio contemporâneo quando trata-se da educação de crianças. Nota-se que diante das demandas do mundo moderno os adultos estão fragilizados em relação às crianças, o que implica no estabelecimento da autoridade. Ainda assim, percebe-se que a autoridade é fulcral para o desenvolvimento dos infantes, pois eles precisam que quem se ocupa de seus cuidados assuma as responsabilidades e os limites que o cotidiano exige.

De modo geral, não evidenciou-se grandes distinções entre uma realidade e outra no que concerne à autoridade dos adultos em relação às crianças. Todavia, pelos relatos de G1 e G2 observou-se que na escola infantil privada havia um envolvimento maior da família com a escola, o que proporcionou que família e escola acordassem de maneira clara o que é função da instituição e o que é função dos pais de modo que ambas as partes sustentam a autoridade cabível em seus papéis.

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. A crise na educação. *In: Entre o passado e o futuro*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 221- 247.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: Uma introdução ao estudo de Psicologia. 15.ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

DESMURGET, Michael. **A fábrica de cretinos digitais**. Os perigos das telas para nossas crianças. Tradução de Mauro Pinheiro. 1. ed. 2ª reimp. São Paulo: Vestígio, 2022.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização (1930)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JERUSALINSKY, Julieta. As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. *In*. BATISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta (Org.). **Intoxicações eletrônicas**. O sujeito na era das relações. 1 ed. Salvador: Editora Ágalma, 2017, (p. 39-55)

RUSCHEL, Gian Eligio Soliman. COSSETIN, Vânia Lisa Fischer. Transmissão e autoridade: perspectivas arendtianas sobre o cuidado com o mundo. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 39, art. 78108, p. 1-19, 2025. Disponível em:
<http://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v39a2025-78108>. Acesso em: 29. abr. 2026.